

“Você sabe com quem está falando?”

Em nosso meio, ainda é comum encontrarmos esta frase nos lábios de pessoas que se julgam poderosas. O Fulano estaciona o carro em local proibido, vem o guarda de trânsito e solicita a retirada do veículo. O cidadão persiste e o oficial diz que é contra a lei.

-“Você sabe com quem está falando?”

Ou seja, o infrator considera um insulto à Sua Excelência o fato de também ter que obedecer a lei.

É o preconceito social, enraizado no Brasil, herança portuguesa potencializada pelo regime escravocrata ao qual estivemos submetidos durante 3 séculos.

Vejam os.

O Brasil foi descoberto em 1500. A colonização teve início em 1532 e o primeiro navio negreiro chegou a Recife em 1548. A abolição se deu em 1888. São mais de três séculos de escravidão. Como o País é muito grande e o trabalho braçal era inteiramente realizado por cativos, podemos considerar que fomos líderes mundiais em servidão humana. A frase é dura mas é real. Cem por cento de nossa produção era realizado por trabalho escravo. O colonizador não executava trabalhos manuais. Ao bom português, era indigno trabalhar com as mãos. Veja esse texto de Dimas Perrin, citado em Mãe África¹:

Para a oligarquia dominante portuguesa, o trabalho manual era atividade indigna(...) Inácio José de Alvarenga Peixoto era filho de Simão de Alvarenga Braga e Angela Michaela da Cunha, carioca, tendo nascido em 1744, no Rio de Janeiro. Estudou na Universidade de Coimbra, formando-se em advocacia em 1767. Em 12 de agosto desse mesmo ano, requereu ao Rei a concessão de certificado de “pátria comum” para lecionar na Universidade de Coimbra. No requerimento que apresentou, declarava ser de bons costumes, “limpo de sangue” e não ter nenhum parente, ascendente ou descendente, que exercesse ofício manual(...) Quem trabalhasse para ganhar a vida ou descendesse de quem assim procedesse ou houvesse procedido, não podia desempenhar qualquer função administrativa ou intelectual(...) Descobriu-se que um dos avós de Alvarenga, de nome João Ferreira Machado, gostava de esculpir imagens de madeira. Foi uma confusão danada. Instaurou-se uma severa investigação, apurando-se, afinal, que o ascendente do poeta trabalhava mesmo, mas não para ganhar dinheiro e, sim, por simples entretenimento. Assim, o futuro inconfiante foi licenciado a 28 de abril de 1768, parecendo-nos, contudo, que não chegou a lecionar, pois, logo em seguida, foi nomeado pelo Marquês de Pombal, para o cargo de Juiz de Fora, na Vila de Cintra...²³³

Como se vê, o trabalho manual era uma desonra para as ilustres famílias lusitanas do século XVIII. Grave preconceito social. Sérgio Buarque de Hollanda é ainda mais enfático:

É compreensível, assim, que jamais se tenha naturalizado entre gente hispânica a moderna religião do trabalho e o apreço à atividade utilitária. Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português, ou a um espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia. O que ambos

¹ Mãe África, ver www.africamae.com.br

admiram como ideal é uma vida de grande senhor, exclusiva de qualquer esforço, de qualquer preocupação. E assim, enquanto povos protestantes preconizam e exaltam o esforço manual, as nações ibéricas colocam-se ainda largamente do ponto de vista da antiguidade clássica. O que entre elas predomina é a concepção antiga de que o ócio importa mais do que o negócio e de que a atividade produtora é, em si, menos valiosa do que a contemplação e o amor²³⁴.

Vejamos a representatividade do trabalho escravo em alguns países.

No Império Romano, alguns historiadores estimam que a produção realizada pelos cativos não passasse de 20% dos bens e serviços embora cada cidadão romano mais abastado tivesse seu escravo de luxo como uma forma de exibir seu status social. A escravidão era muito restrita às minas, nas quais prisioneiros se misturavam a rebeldes de províncias conquistadas. Na Jamaica e no Haiti a produção realizada pelos cativos também atingia a quase totalidade dos bens, mas estas colônias eram muito pequenas se comparadas ao Brasil. Mesmo nos Estados Unidos a produção dos escravos não era tão significativa. Os colonos americanos sempre trabalharam muito com as mãos não existindo esse preconceito contra o trabalho manual encontrado na gente hispânica. A religião protestante que dominou a cultura americana sempre considerou a preguiça o pior dos pecados. “Quem não trabalha não merece comer”, dizia Lutero.

-“Você sabe com quem está falando?”

Com especial camuflagem, esta fase ecoa na atual escola primária, no interior do Brasil. Segundo o antropólogo Roberto da Matta, conhecido cientista brasileiro, no Brasil, parte da autoridade familiar foi transferida à professora primária, pelo que são chamadas de “tias” pelos aluninhos. Ou seja, a autoridade paterna foi outorgada à mestra, pois o simples fato de ser mestra não é bastante para lhe conferir autoridade sobre o pequeno aluno. Desta forma, o “sabe com quem está falando” emerge dentro da escola.

É notável que tenha florescido em nossa gente oprimida dois mecanismos de extravasamento das humilhações sofridas ao longo dos séculos de escravidão: o carnaval e o futebol. A grande festa do carnaval, que cresceu e faz sucesso no mundo todo, é originada nas favelas do Rio. Exatamente na cidade na qual se instalou o poder, que, por séculos, exerceu a mais terrível opressão, exibindo gritante diferença social, objeto de sofrida humilhação aos mais humildes. No carnaval, pobre se veste de nobre, de príncipe, de rei, e desfila na grande passarela do samba, extravasando com alegria e arte tantas humilhações do passado. Algo semelhante acontece no futebol. Neste, todos são iguais. As regras são poucas, muito simples e para todos. O jogador escalado é o melhor. Não há diferença nem distinção social. Os vencedores fazem fortuna de forma rápida, ganham prestígio e reconhecimento social. São estrelas, muitas vezes nascidas na lama das humilhações e dificuldades humanas. Há enorme respeito aos perdedores, já que os vencidos, hoje, serão vencedores amanhã. Contrariamente, na justiça brasileira, o cipoal de leis só pode ser desembaraçado pelos ricos que contratam habilidosos advogados. No âmbito de nosso Judiciário mais valem as diferenças sociais. Caro leitor, você já viu pela TV as sessões de julgamento do Supremo? Já observou como os juízes se divergem na interpretação das leis? Percebeu o cipoal de regras ao qual estamos submetidos? No mau funcionamento de nosso Judiciário vemos nítida herança do Brasil colônia. Saint-Hilaire, em seu livro Viagem a Minas Gerais, escrito entre 1816 e 1822, mostra que o Judiciário no Brasil foi cuidadosamente montado para proteger os ricos e a nobreza. O preconceito social existente entre nós é terrível herança portuguesa temperada pelo longo regime escravocrata que se instalou na colônia.

Ele é explicitamente consagrado na lei brasileira. no direito a foro privilegiado, garantido a políticos e a oficiais de cargos importantes; e no direito a prisão especial reservado a graduados em universidades. Quase sempre, este preconceito social é confundido com o preconceito de cor. Mas ele é bem diferente. Todos são iguais perante a lei, diz a Constituição. Mas, “você sabe com quem está falando?”

Fidencio Maciel, julho de 2010.